

Lições virais da China

Yann Moulier Boutang

É economista e editor da Multitudes.

Monique Selim

É economista e editor da Multitudes.

Tradução de Clarissa Moreira



Pequena adivinhação: de que epidemia se trata?

“O uso da noção de epidemia e sua associação com uma mortalidade relâmpago e incontrolável é , imediatamente interpelador para as pessoas, em diferentes níveis, o primeiro dos quais é – como mostraram os antropólogos – o questionamento individual sobre se tornar uma possível vítima desse evento e, sobretudo, sobre as relações causais envolvidas. ”

“Após essa primeira etapa, a intervenção das autoridades médicas primeiro e logo em seguida, políticas, é realizada de acordo com várias articulações e esquemas possíveis. A primeira alternativa pode ser a de manter a doença oculta por duas razões: seja por que as autoridades de saúde pública não teriam ainda um diagnóstico final, seja por temerem os efeitos negativos da disseminação de informações que poderiam resultar em um ataque à sua legitimidade ou se constituir numa manifestação de sua fragilidade. O segundo esquema possível é a informação geral e imediata da sociedade, seja para controlar a epidemia , seja para chamar a atenção dos atores sociais para uma questão sensível que os afasta da política no sentido mais amplo do termo. Novas tecnologias da informação estão trazendo uma nova dimensão da globalização para a interpretação da dinâmica das epidemias. Estamos, portanto, diante de três tipos de globalização: diagnóstico, monitoramento e eficiência política nas relações internacionais, nos planos ideológico, simbólico e imaginário¹.

Estamos nos domínios do Império do Meio? Estamos falando do governo chinês enfrentando o coronavírus? Engano de quem pensa que sim. Estas são as palavras de um renomado médico-pesquisador infectologista, Jean-Paul Gonzalez, sobre o vírus Ebola, nascido na África, para o qual a OMS declarou duas vezes um alerta global (fato muito raro).

¹ « Enjeu politique de l'émergence des manifestations épidémiques », entrevista com Jean-Paul Gonzalès (médico, diretor de pesquisa IRD) realizada por Monique Selim à propósito do vírus Ebola, *Journal des Anthropologues*, Paris 2003, 92-93, pp. 291-294.

No início, ao contrário de outras pandemias virais, a atitude de muitos cientistas foi muito cautelosa em relação ao gerenciamento da crise na China, ou até mesmo elogiosa. Jean-Paul Gonzalez, por exemplo, considera isso exemplar². É verdade que a OMS, sob forte solicitação do governo chinês, adiou a decisão de lançar um alerta global para finalmente resolver lança-lo diante da verdade emergente. O governo chinês não construiu dois hospitais com mais de 1.500 leitos em 15 dias? Ele não organizou a quarentena de Wuhan, uma cidade de 11 milhões de habitantes, e de toda a província, depois a de Wenzhou na província de Zhejiang? Um estado forte, um presidente cujas tendências autoritárias não são um mistério que resolve o problema por conta própria e com ele um partido comunista com 90 milhões de pessoas e 10 milhões de executivos. De fato, o acontecimento coronavírus levanta uma questão raramente levantada nas descrições jornalísticas: a relação entre o surgimento, o desenvolvimento, o controle e o gerenciamento de grandes desastres – como fomes, pandemias – e a natureza política do ‘Estado que deve enfrentá-los. A China pretendia dar uma lição de governança e eficiência durante essa pandemia, inclusive para os países africanos. Estaria o governo chinês aproveitando a epidemia, como sugere J.P. Cabestan na publicação francesa Marianne, para fortalecer a centralização do poder e o papel do Partido? Os sinais de aumento da disciplina do Partido a partir de sua liderança se multiplicaram. Mas é uma aposta segura que a lição não será, ao final, exatamente a que se espera. Além disso, um certo nervosismo é detectável entre as autoridades chinesas que já não precisavam de mais nada considerando a crise de Hong Kong e a questão dos campos de reeducação dos Uigures.

Por que o presidente Xi Jinping chamou o coronavírus de “demônio”? Por que ele se envolveu na primeira linha dessa “batalha”? O coronavírus pode muito bem arruinar sua teoria do caráter puramente ocidental dos princípios da democracia, bem como a viabilidade do socialismo de mercado em uma sociedade de harmonia de prosperidade média para todos, numa sociedade tecnologicamente super equipada e reivindicando uma via chinesa específica de socialismo. Amartya Sen, ganhadora do Prêmio Nobel de

² Le Parisien, 1 février 2020, e La Liberté, Fribourg, 29 de fevereiro de 2020.

Economia em 1998³, havia mostrado que, em termos de redução da desigualdade e controle da fome, a natureza do sistema político é decisiva. Um regime que controla as informações, para causar pânico ou ocultar elementos alarmantes, piora ao invés de melhorar a situação inicial. No entanto, desde o início de fevereiro, o freio à disseminação de informações corretas sobre a epidemia, realizado pelo Partido de 1 a 20 de janeiro, data da quarentena de Wuhan e de toda a província de Hubei, tornou-se uma certeza e não uma hipótese maliciosa.

Desfuncionamentos

Após um primeiro momento de espanto, tanto na sociedade quanto entre observadores externos, várias informações começaram a ser filtradas. Um oftalmologista que trabalhava em um hospital em Wuhan, o médico LI Wenliang, agora infectado pelo vírus, havia alertado sobre a epidemia nas redes sociais com outros sete colegas, no final de dezembro de 2019. Ele foi o objeto de repressão cuidadosa pelas autoridades locais: retirada de seu posto no Weibo, assinatura de uma retratação formal segundo a qual ele havia sido culpado de divulgar rumores maliciosos. Essa retenção de informações durante um mês e meio incidentalmente foi rejeitada pelo Supremo Tribunal⁴. Com a progressão exponencial da epidemia que afetará oficialmente mais de 50.000 pessoas e mais de mil mortos, vários erros espetaculares de apreciação apareceram:

– As inadequações do sistema hospitalar chinês (a rede privada é muito embrionária), já fortes, tornaram-se evidentes. A impossibilidade de muitos pacientes serem diagnosticados e, é claro, tratados.

³ Amartya Sen, *Poverty and famine, an Essay on Entitlement and Deprivation*, OUP, Oxford, 1990.

⁴ “Sob pressão da opinião pública, a Suprema Corte chinesa publicou um artigo inabitual na semana passada, denunciando as ações da polícia contra o doutor Li e outras sete pessoas. “Se o público em geral, por medo da SARS, tivesse acreditado naquele momento nesse ‘boato’, começasse a usar máscaras, desinfetar efetivamente e evitar ir aos mercados de venda de animais selvagens, provavelmente teria sido uma coisa boa”, disse a Suprema Corte. Um início raro de reabilitação.”

<https://www.lesechos.fr/monde/chine/coronavirus-en-chine-la-colere-monte-face-a-la-gestion-de-lepidemie-1168578>

- A falta de máscaras e kits de detecção de doenças. A população ficou indignada com o resto dos dignitários do regime usando máscaras médicas indisponíveis tanto para os doentes quanto para os cuidadores. Como ilustra este texto literal das mensagens que circulam na Internet chinesa: “Se você não tiver as máscaras N95 mais eficazes, use as que são usadas pelos líderes”.
- A subestimação da extensão das viagens causadas pelas comemorações do Ano Novo Chinês, um fenômeno acentuado pela urbanização desenfreada dos últimos trinta anos. Quase 400 milhões de pessoas se deslocaram.
- Medidas radicais de confinamento, de limitação drástica de deslocamentos (uma abordagem tipicamente militar do toque de recolher) têm, em uma economia que se tornou muito dependente do mercado, repercussões consideráveis, tanto no consumo interno quanto nas exportações necessárias. para a economia mundial, muito mais do que em 2003 durante a epidemia de SARS.

Um erro político com implicações infelizes

Mas o mais impressionante é que, com o desenvolvimento da epidemia, observamos todas as falhas do controle absoluto, cuja relevância o Estado-Partido pretendia demonstrar. As espetaculares medidas de quarentena realizadas pelos militares na província de Hubei provaram ser ineficazes. Quase metade da população de Wuhan, mais de 5 milhões, segundo seu principal magistrado, partiu antes. A prova de que houve vazamento da informação sobre a epidemia, assim como do bloqueio planejado pelas autoridades. Parece duvidoso, dado o extremo grau de centralização do poder nas mãos do Partido, do Estado e de seu Secretário-Geral, Presidente da República e chefe das Forças Armadas, que os dados sobre a epidemia não tenham chegado à cúpula.

A operacionalização do controle em escala nacional – após o ensaio feito com as minorias Uigures em Xinjian – através do reconhecimento facial de pessoas de Wuhan que deixaram a província e não se apresentaram “espontaneamente”, mostrou como são ultra-sofisticadas as tecnologias de reconhecimento facial em toda a China. Qualquer cidadão chinês pode ser identificado em sete segundos a partir de uma foto tirada por câmeras

colocadas em todos os lugares, desde espaços públicos às residências particulares. Desde 2019, o plano instituiu uma caderneta de créditos sociais que penaliza qualquer ato de incivilidade com a retirada de pontos. Este sistema de vigilância generalizada, que visa erradicar a priori qualquer contestação do papel do Partido e do Estado, mostra aqui todas as suas falhas práticas no controle da epidemia e ilustra seu fracasso em consolidar o consentimento da população à sua dominação. De cima para baixo na China, as autoridades convidaram o povo chinês a denunciar qualquer pessoa suspeita de ser da província de Hubei que não se apresentasse à polícia. Desta vez, ao contrário do episódio da Revolução Cultural, de que os mais antigos ainda se lembram, as delações são hoje equipadas pela vigilância digital. No entanto, não se conseguiu conter a epidemia. A magnitude dos fluxos populacionais (festas de fim de ano na China, turismo, funcionamento de uma economia de mercado baseada cada vez mais na circulação de bens e serviços) explica por que o controle clássico herdado do socialismo autoritário acaba por ser inadequado. É por isso que o coronavírus, em vez de santificar a onipotência do Estado do Partido, poderia muito bem marcar uma crise retumbante de sua hegemonia.

Por volta de 3 de fevereiro, isso era apenas uma hipótese. Tornou-se uma certeza em 8 de fevereiro, com a morte do doutor Li. Essa crise foi particularmente indesejável no contexto da guerra comercial com os Estados Unidos e com um declínio muito preocupante no crescimento chinês. Devemos destacar uma das causas estruturais da vulnerabilidade do sistema chinês a esse tipo de pandemia viral. O sistema de promoção na hierarquia do partido está vinculado a dois critérios: o primeiro, político, é a questão da ideologia e da ordem (em particular a repressão muito firme dos protestos, que colocaria em questão o papel principal e exclusivo do Partido.) e o segundo, muito importante, é o desempenho em termos de PIB: se o plano local não repassa informações, é também porque teme como a peste – ou até mais do que isso! – uma diminuição no PIB local, portanto um rebaixamento em sua avaliação.

Humor sombrio de resistência

A população é passiva ou foi enganada? E essa pandemia não passará de uma prova vencida vitoriosamente no plano político pelo presidente Xi Jinping? É o que as autoridades desejam acreditar. No entanto, todos os observadores estrangeiros na China notaram uma grande revolta que não hesita em se expressar publicamente nas redes sociais em relação às autoridades centrais, mesmo que estas tenham se apressado em repassar a responsabilidade aos órgãos intermediários do partido, que sofrerá uma “depuração” “exemplar”.

São testemunhas as trocas nas redes sociais de piadas que os próprios chineses descrevem como “soviéticas”. Não devemos esquecer que a Web é completamente limpa pela censura dos testemunhos mais crus da raiva da população. Algumas amostras das mensagens que circulam no meio de uma série de fotomontagens e de quadrinhos desopilantes⁵:

“Até o vírus deve obedecer às instruções do Partido: é o Partido que decide se você está doente ou não.

“O coronavírus não é uma ameaça, desde que escutemos o Partido!”

“Esse tipo de servidor público pode gerenciar o vírus? Se eles não conseguem gerenciar o vírus, tudo o que precisam fazer é gerenciar as pessoas.”

“O vírus deve ser responsabilizado por não seguir as instruções do Partido!”

Um prisioneiro explica como chegou à prisão: “Sou preguiçoso”, disse ele. – Por que? – perguntou o companheiro de cela – Conversei com um colega sobre o coronavírus online. Eu pensei que teria tempo para denunciá-lo no dia seguinte, mas ele foi lá antes de mim.”

O primeiro-ministro está visitando Wuhan e questiona o proprietário de um supermercado sobre o estado dos estoques. Este respondeu: “Temos equipamento médico “do fogo de Deus!” – Mas, camarada, somos um país socialista e não acreditamos em Deus nem em sua existência, respostas, exultante, o primeiro-ministro. – “Isso é bom, pois não temos mais máscaras.”

⁵ Obrigado aos internautas chineses, traduzidos graças à colaboração de Wenjing Guo, antropólogo associado ao CESSMA.

“Três fantasmas se encontram em uma rua em Wuhan. O primeiro morreu de coronavírus, o segundo morreu na prisão após espalhar boatos on-line, e o terceiro responsável pelo monitoramento da Internet. morreu por excesso de trabalho.”

“Um médico que caiu em um rio pede ajuda, deixando dois funcionários do governo que estavam lá indiferentes. O médico grita que vai postar um pedido de ajuda no Weibo sem passar pelo governo. Os funcionários o salvam e o prendem imediatamente.”

“Anteontem, acordei, só restavam 5 dias de férias. Ontem, acordei, restavam 7 dias de férias. Hoje, quando acordei, ainda tenho 14 dias de férias e mal ousou adormecer por medo de acordar já aposentado.”

“Eles passaram 2019 impedindo pessoas de Hong Kong de usar máscaras em protestos e passarão 2020 convencendo-os a colocá-los”.

Uma última história:

“Uma chinesa diz à amiga que o bairro de SanJiao, na cidade de Meizhou, incentiva os habitantes a denunciar aqueles que escondem que estiveram em contato com pessoas da província de Hubei ou que viajaram para lá. As autoridades os recompensarão com trinta máscaras. Ela diz: me lembra a Revolução Cultural, o verdadeiro problema é que muitas pessoas não são tratadas. Desde janeiro, as notícias são totalmente irreais.”

O partido decidiu assumir ainda maior controle sobre as redes sociais. Não mais de 40% do tráfego global em trocas de mensagens como Weibo ou WeChat poderá estar relacionado à pandemia. As pessoas em quarentena não podem mais comunicar suas notícias a seus amigos no WeChat: uma mensagem automática os avisa: “Esta pessoa está em quarentena e não responde a nenhuma informação externa”.

Esse aperto adicional no fluxo de informações horizontais leva alguns observadores a acreditar que os números gerais de mortes (especialmente equipe médica e hospitalar) e as pessoas infectadas pelo vírus podem ser muito mais altas do que as confessadas pelas autoridades chinesas.

Independência do ciberespaço. A metáfora do vírus colonizou nosso vocabulário e nossa imaginação relacionados à circulação de informações na era das redes digitais. Você precisa “se tornar viral” ou não existirá de fato na web. O coronavírus – muito além dos corpos individuais que infecta, a que causa dor e às vezes mata – reverte essa metáfora contra tudo o que insiste em reafirmar uma soberania hoje pertencente a um mundo exaurido. Numa época em que está na moda zombar da ingenuidade da Declaração de Independência do Ciberespaço, estabelecida em Davos em 8 de fevereiro de 1996 por John P. Barlow, as dificuldades do governo chinês em impor sua soberania digital ao seu povo por ocasião da epidemia de coronavírus, convidam a reavaliar as ressonâncias inesperadas que este documento de um quarto de século ainda produz hoje:

“O ciberespaço não está localizado dentro de suas fronteiras. Não pense que você pode construí-lo, como se fosse um projeto de construção pública. Você não pode. É um produto natural e cresce através de nossa ação coletiva. (...) Vamos nos espalhar pelo planeta para que ninguém possa parar nossos pensamentos. Na China, Alemanha, França, Cingapura, Itália e Estados Unidos, você tenta conter o vírus da liberdade erguendo postos de guarda nas fronteiras do ciberespaço. Eles podem conter o contágio por algum tempo, mas não funcionarão em um mundo que será totalmente coberto em breve pela mídia digital. Essas medidas cada vez mais hostis e coloniais nos colocam na mesma situação daqueles amantes da liberdade e da autodeterminação que tiveram que rejeitar autoridades de poderes distantes e mal informados. Devemos declarar nossas personalidades virtuais livres de sua soberania, mesmo quando continuamos a aceitar sua lei no que diz respeito ao nosso corpo. Vamos nos espalhar pelo planeta para que ninguém possa parar nossos pensamentos⁶”.

A aposta política das autoridades chinesas é, desde 2012, consolidar pelas novas tecnologias digitais as especificidades chinesas da governança ultra-centralizada do estado herdadas da herança de harmonia confucionista milenar, assim como do socialismo

⁶ John P. Barlow, Déclaration d'Indépendance du Cyberspace, 1996, <http://editions-hache.com/essais/barlow/barlow2.html>.

maoísta, argumento sobre o qual Xi Jinping insiste continuamente para rejeitar o universalismo abstrato dos direitos humanos ou dos princípios democráticos, que muitas vezes, é verdade, serviram de bandeiras para a dominação ocidental. Mas a Web não é tão fácil de dominar. E poderia constituir para a Grande Burocracia Celestial um vírus ainda mais terrível do que o coronavírus.